





# Five Nights at Freddy's

VOLUME 3

# A ÚLTIMA PORTA

SCOTT CAWTHON  
KIRA BREED-WRISLEY

TRADUÇÃO DE RAFAEL MIRANDA



Copyright © 2018 by Scott Cawthon  
Todos os direitos reservados.  
Publicado mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway,  
Nova York, NY 10012, Estados Unidos.

TÍTULO ORIGINAL  
Five Nights at Freddy's: The Fourth Closet

PREPARAÇÃO  
Marcela Ramos

REVISÃO  
Rayana Faria  
Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGEM DE CAPA  
© 2018 SCOTT CAWTHON

ARTE DE CAPA  
CHEUNG TAI

VINHETA ESTÁTICA DE TV  
© Klikk/Dreamstime

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C376d

Cawthon, Scott  
A última porta / Scott Cawthon, Kira Breed-Wrisley ; tradução  
de Rafael Miranda. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
336 p. ; 21 cm. (Five nights at Freddy's ; 3)

Tradução de: The fourth closet

Sequência de: Os distorcidos

ISBN 978-85-510-0598-9

1. Ficção americana. I. Breed-Wrisley, Kira. II. Miranda, Rafael.

III. Título. IV. Série.

19-61461

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

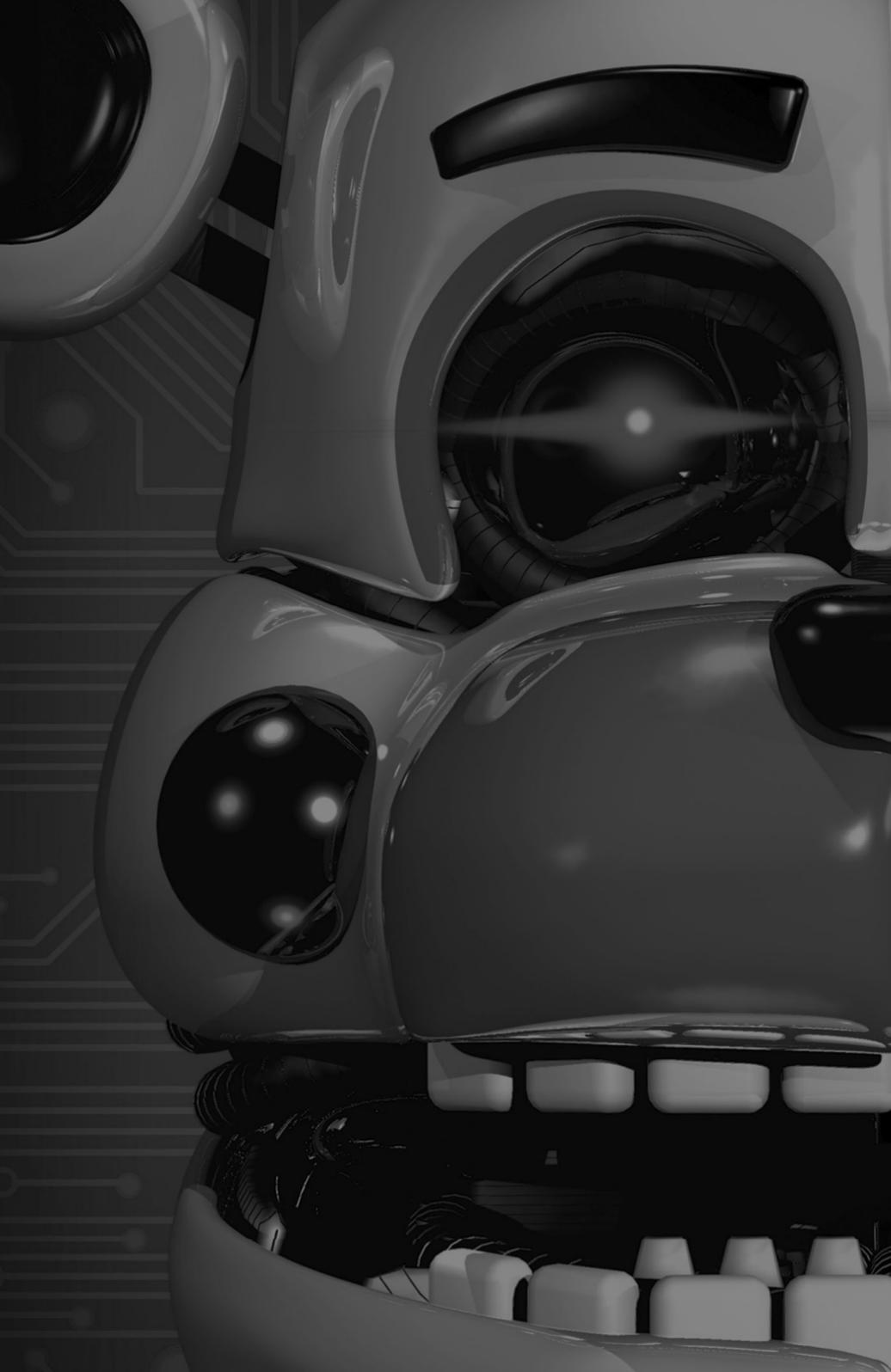
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição      FEVEREIRO DE 2020  
impressão    LIS GRÁFICA  
papel de miolo      PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
papel de capa      CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M<sup>2</sup>  
tipografia      BEMBO





# CAPÍTULO UM

— **Charlie!**

*Engasgando com a poeira da explosão, John escalou os escombros até o local onde ela estivera. As ruínas balançavam, e ele quase caiu ao tropeçar num bloco de concreto, mas conseguiu recuperar o equilíbrio, esfolando as mãos ao se segurar, desesperado, na superfície desmoronada. Quando enfim chegou, foi capaz de sentir a presença dela ali embaixo. Com toda a força, conseguiu empurrar e virar um imenso bloco de cimento, que caiu de cima da pilha com um baque seco, fazendo o chão crepitar. Acima de sua cabeça, uma viga de aço rangia e oscilava precariamente.*

— *Charlie!* — John tornou a gritar o nome dela enquanto jogava longe outro bloco. — *Charlie, estou indo!*

*Ele respirava com dificuldade e abria caminho pelo que sobrara da casa movido por desespero e adrenalina, que já se dissipava.*

*John trincou os dentes e persistiu. As mãos escorregaram no bloco seguinte, e foi quando ele se deu conta, atordoado, de que vinha deixando um rastro de sangue em tudo que tocava. Limpou as mãos na calça e tentou de*

novo. Dessa vez, o concreto rachado se moveu, e, equilibrando-o nas coxas, ele o carregou a três passos de distância e o soltou numa pilha de escombros. O bloco caiu em destroços, pedras e estilhaços de vidro, desencadeando uma avalanche, e então, em meio ao barulho das ruínas, ele a ouviu sussurrar:

— John...

— Charlie...

O coração de John parou quando ele a respondeu com um sussurro, e os escombros tornaram a se mover sob seus pés.

Dessa vez ele caiu, as costas batendo forte no chão, e ficou sem ar. Teve dificuldades para inspirar, seus pulmões haviam se tornado inúteis, até que, hesitante, a respiração foi voltando ao normal. Perdido, ele se sentou e viu o que o desabamento revelara: estava no pequeno cômodo escondido da casa onde Charlie passara a infância. Diante dele havia uma parede metálica, lisa, comum. No centro, uma porta.

Não passava de um contorno, sem dobradiças ou maçaneta, mas ele sabia o que era porque, quando os dois tinham parado de correr no meio da fuga, Charlie se deu conta do que havia ali e encostou o rosto, chamando por alguém, ou por algo, lá dentro.

— John...

Ela tornou a sussurrar o nome dele, e o som pareceu vir de todos os lugares ao mesmo tempo, ecoando nas paredes do aposento.

John ficou de pé e tocou a porta: estava fria. Encostou o rosto, assim como Charlie fizera, e a superfície ficou mais fria, quase drenando todo o calor da sua pele. John se afastou e esfregou a bochecha gelada, ainda observando a porta enquanto o metal reluzente começava a esmaecer diante dos seus olhos. A cor empalideceu e, em seguida, a porta começou a afinar, sua solidez desaparecendo até que parecesse vidro fosco, e John notou que havia uma sombra atrás, o vulto de uma pessoa. O vulto se aproximou, e a porta foi clareando até ficar quase translúcida. John

*chegou perto, imitando o vulto do outro lado. A pele do rosto era sedosa e reluzente, tinha olhos de estátua, esculpidos, mas que não enxergavam nada. John observou pela porta que os separava, a respiração embaçando a barreira quase transparente, quando de repente os olhos se abriram.*

*O vulto estava ali de pé, plácido, à frente dele, olhos cravados no nada. Enevoados e imóveis... mortos. Alguém gargalhou, um som descontrolado e triste que ecoou pelo pequeno cômodo fechado, fazendo John procurar desesperadamente a fonte. A risada foi ficando cada vez mais alta. John tapou os ouvidos à medida que o ruído penetrante se tornou insuportável.*

— CHARLIE! — gritou ele mais uma vez.

John despertou no susto, o coração acelerado: a gargalhada ainda ecoava, seguindo-o mesmo fora do sonho. Desorientado, seus olhos dispararam por todos os cantos do quarto até se deterem na TV, a tela preenchida pelo rosto de um palhaço em meio a uma crise de riso. John se sentou e esfregou a bochecha no ponto em que seu relógio pressionara. Olhou as horas e respirou aliviado: ainda tinha tempo de sobra para chegar ao trabalho. Recostou-se e esperou a respiração voltar ao normal. Olhou novamente para a tela da TV e viu o âncora do noticiário local que segurava o microfone para um palhaço de circo, com direito a rosto pintado, nariz vermelho e peruca com as cores do arco-íris. Em volta do pescoço usava um colarinho que parecia saído de uma pintura renascentista, e a roupa era toda amarela, com pompons vermelhos fazendo as vezes de botões.

— Mas conte pra gente — disse o âncora com entusiasmo —, você já tinha esta roupa ou mandou fazer especialmente para a grande inauguração?

John desligou a TV e foi para o chuveiro.

Ele estivera ali o dia inteiro, mas o barulho continuava insuportável: um ruído retumbante e estridente pontuado por gritos e pelo ribombar intermitente das britadeiras, chegando a estremecer o solo. John fechou os olhos e tentou se livrar de tudo aquilo: as vibrações ressoavam em seu peito, preenchiam-no, e de repente, em meio ao barulho, gargalhadas desesperadas ecoaram em seu ouvido. O vulto do sonho apareceu de novo, em algum lugar ali, e ele sentia que, se olhasse para o lado certo, poderia ver o rosto atrás da porta...

— John!

O garoto se virou. Luis estava a poucos centímetros dele, encarando-o com um olhar intrigado.

— Chamei você três vezes.

John deu de ombros e indicou o caos que os rodeava.

— Ei, uma parte do pessoal vai sair depois daqui. Quer ir também? — perguntou Luis. John hesitou. — Vamos, vai te fazer bem. Você só tem trabalhado e dormido.

Luis soltou uma risada amistosa e deu um tapinha no ombro do colega.

— É, me faria bem. — John retribuiu com um sorriso e então olhou para o chão, com uma expressão triste. — Só que estou cheio de coisas para fazer. — Tentou soar convincente.

— Sei, cheio de coisas. Mas me avise se mudar de ideia.

Luis deu outro tapinha no ombro de John e voltou para a empilhadeira.

John ficou observando-o se afastar a passos largos. Não tinha sido a primeira vez que se recusara a ir com eles. Nem a segun-

da nem a terceira, e ocorreu-lhe que um dia parariam de tentar. Simplesmente desistiriam. Talvez fosse melhor assim.

— John!

*E agora, o que foi?*

Era o contramestre, gritando para ele da porta de seu escritório, um trailer que fora colocado mal e porcamente numa saliência de terra para o transcorrer da construção.

John caminhou com pesar pelo canteiro de obras, passando pela cortina de vinil na porta do trailer. Instantes depois, estava parado diante da mesa dobrável do contramestre, o revestimento plástico com textura de madeira quase descolando das paredes ao redor.

— Tem uns funcionários meus aí fora falando que você anda distraído.

— Estou concentrado no meu trabalho, só isso — respondeu John, forçando um sorriso e tentando evitar que sua frustração transparecesse.

Oliver abriu um sorriso tão convincente quanto o de seu funcionário.

— Concentrado — repetiu o contramestre. Assustado, John fechou a cara. Oliver suspirou. — Olha, eu te dei uma chance porque seu primo disse que você é trabalhador. Não levei em conta que você abandonou seu último emprego e nunca mais voltou. Sabe que assumi um risco contratando você?

John engoliu em seco.

— Sim, senhor. Eu sei.

— Pare com isso de “senhor”. Só me escute.

— Olha, eu faço tudo o que me mandam. Não entendo qual é o problema.

— Você é lento. Parece que vive em outro mundo. Não trabalha em equipe.

— Como assim?

— Isto aqui é um canteiro de obras. Se você vive no mundo da lua ou não se preocupa com a segurança das outras pessoas, alguém pode acabar se machucando ou morrendo. Não estou dizendo que é para ficar de segredinho ou puxando o saco dos outros, mas você precisa cooperar com a equipe. Eles precisam ter certeza de que você não vai deixar ninguém na mão na hora do vamos ver. — John assentiu, como se compreendesse. — Este trabalho é legal, John. E também acho o pessoal aqui bacana. Não está fácil conseguir emprego ultimamente, e preciso que você foque no que interessa, porque da próxima vez que eu vir você com a cabeça nas nuvens... Bem, não me faça ter que tomar uma atitude. Entendido?

— Sim, entendido — confirmou John, entorpecido.

Ele não se moveu: continuou ali, naquele tapete marrom felpudo do escritório portátil, como quem espera ser dispensado depois de uma bronca do diretor da escola.

— Certo, pode sair.

E então ele saiu. A bronca lhe custara os últimos minutos do expediente. John ajudou Sergei a guardar parte do equipamento e, em seguida, partiu para o carro dando um “tchau” resmungado.

— Ei! — chamou Sergei. John parou. — Última chamada!

— Eu... — John interrompeu a frase ao avistar Oliver de canto de olho. — Fica para a próxima.

Sergei insistiu.

— Vamos lá, é a minha desculpa para não ir àquele lugar que abri para crianças. Minha filha está pedindo a semana inteira para ir lá. A Lucy vai levá-la, mas os robôs me matam de medo.

John parou, e o mundo à sua volta ficou em silêncio.

— Que lugar?

— Então você vem? — insistiu Sergei.

O garoto recuou alguns passos, como se estivesse perto demais de um precipício.

— Quem sabe outra hora — enfim declinou John, e se encaminhou, decidido, até o carro.

Era um modelo velho marrom-avermelhado, que talvez fizesse sucesso no colégio. Mas ali não passava de um lembrete de que ele ainda era um garoto que não tinha virado a página, um sinal de status que se tornara um sinal de vergonha de um ano para outro. Ele desabou no banco, levantando uma cortina de poeira no interior do carro. As mãos tremiam.

— Controle-se — disse para si mesmo. Fechou os olhos e segurou firme no volante, recompondo-se. — Sua vida agora é essa, você aguenta — sussurrou, para então abrir os olhos e suspirar. — Parece alguma besteira que meu pai teria dito.

Virou a chave.

O retorno para casa deveria ter durado dez minutos, mas ele precisaria de meia hora para percorrer o caminho que escolheu, porque ia por fora da cidade. Se não passasse por lá, não correria o risco de trombar com pessoas que não queria ver. Mais importante, não se arriscaria a trombar com pessoas com quem queria falar. *Trabalhe em equipe*. Ele não conseguia guardar rancor de Oliver. John não trabalhava em equipe, não mais. Fazia quase seis meses que ia de casa para o trabalho e do

trabalho para casa como se fosse um trem seguindo no trilho, parando de vez em quando para comprar comida, mas não muito mais que isso. Só falava quando necessário e evitava contatos visuais. Levava sustos quando as pessoas se dirigiam a ele, fossem colegas de trabalho dando um “oi” ou estranhos perguntando a hora. Até conversava, mas estava se aperfeiçoando na arte de falar enquanto se afastava. Era educado, mas sempre deixando claro que deveria estar em outro lugar, se fosse preciso até virava de repente na direção contrária para demonstrar isso fisicamente. Por vezes, tinha a sensação de estar desaparecendo, e chegava a ser irritante ou frustrante ser lembrado de que ainda não era invisível.

Estacionou numa vaga de seu prédio, uma construção de dois andares que não era destinada a inquilinos de longo prazo. A luz na janela do escritório da síndica estava acesa: ele passara um mês tentando mapear em que horários ela estaria por lá, mas desistiu ao concluir que não havia um padrão.

John pegou um envelope no porta-luvas e se dirigiu à porta. Bateu, mas não obteve resposta, ainda que ouvisse barulhos lá dentro. Tornou a bater, e dessa vez abriu-se uma fresta, pela qual uma idosa com pele de quem fumou a vida inteira o espiava.

— Oi, Delia. — John sorriu. Ela não retribuiu. — O cheque do aluguel. — Entregou a ela o envelope. — Sei que está atrasado. Vim ontem, mas não tinha ninguém.

— Foi no horário comercial?

Delia estudou o envelope com cuidado, como se desconfiada do que poderia haver dentro.

— As luzes estavam apagadas, então...

— Então não foi no horário comercial. — Delia mostrou os dentes, mas não exatamente em um sorriso. — Vi que você pendurou uma planta — disse ela.

— Ah, foi. — John deu uma olhada para trás, na direção do apartamento, como se pudesse vê-lo dali. — É legal ter alguma coisa para cuidar, não é? — Ele tentou sorrir outra vez, mas logo desistiu, sugado por um vácuo de julgamento que não dava espaço para leveza. — É permitido, não é? Ter uma planta?

— Sim, você pode ter plantas. — Delia deu um passo para dentro e pareceu prestes a fechar a porta. — É que as pessoas não costumam se manter por aqui, só isso. Normalmente vem a casa, depois a esposa, e só depois as plantas.

— Entendi. — John baixou o olhar para os sapatos. — Tem sido um ano... — começou, mas a porta bateu. — Complicado.

Ele passou mais um minuto encarando a porta e então partiu para o apartamento térreo na parte da frente do prédio, que agora seria seu por mais um mês. Era um quarto e sala com banheiro e algo que se assemelhava a uma cozinha. Ele deixava as persianas abertas quando não estava em casa para mostrar que não tinha nada: a região era propensa a furtos, e parecia uma boa estratégia sinalizar que não havia nada ali que pudesse ser roubado.

Assim que entrou, John trancou a porta e, com cuidado, passou o trinco. Seu apartamento era frio e escuro, tranquilo. Ele suspirou e esfregou as têmporas. A dor de cabeça não havia passado, mas ele já estava se acostumando.

O apartamento tinha pouca mobília, que já estava lá quando John alugou, e o único toque pessoal que ele dera à sala foi empilhar quatro caixas de papelão cheias de livros abaixo da janela.

John olhou para elas com uma familiaridade decepcionada. Foi até o quarto e se sentou na cama, as molas duras do colchão rangeram. Não se deu ao trabalho de acender a luz. Ainda havia luz do sol suficiente entrando pela janelinha suja acima da cama.

John virou-se para a cômoda, de onde um rosto familiar lhe encarava: uma cabeça de coelho de brinquedo, sem o corpo.

— O que você fez hoje? — perguntou John, seu olhar cruzando com o do coelho de pelúcia como se o bicho pudesse demonstrar algum sinal de reconhecimento. Theodore permaneceu inexpressivo, os olhos escuros e sem vida. — Você está com uma cara péssima, pior que eu.

John se levantou e se aproximou da cabeça de coelho. Não conseguiu ignorar o cheiro de naftalina e tecido sujo. Seu sorriso desapareceu, e ele ergueu o coelho pelas orelhas. *É hora de jogar você fora.* Cogitava aquilo quase todos os dias. Trincou o maxilar e, em seguida, colocou o bicho de volta na cômoda com cuidado e se virou, para não ter mais que olhar para ele.

Fechou os olhos; não que tivesse esperanças de que o sono viesse, mas torcia para que isso acontecesse. Não tinha dormido bem na noite passada, nem na anterior. Passara a ter medo de dormir. Adiaa ao máximo a hora de se deitar: andava quilômetros pela rua até tarde da noite, voltava para casa e tentava ler, ou simplesmente ficava olhando para a parede. A familiaridade era frustrante. Pegou o travesseiro e voltou para a sala. Deitou-se no sofá pequeno, com as pernas de fora. O silêncio do pequeno apartamento começava a lhe apitar nos ouvidos, e ele pegou o controle remoto no chão e ligou a TV. A imagem era em pre-

to e branco, e o sinal, péssimo: ele mal conseguia distinguir os rostos em meio aos chuviscos, mas o bate-papo do programa de entrevistas estava ágil e animado. Ele diminuiu o volume e virou de barriga para cima, encarando o teto e entreouvindo as vozes da televisão até pegar no sono pouco a pouco.

*O braço dela estava flácido, a única parte do corpo que ele via pendendo de dentro da roupa de metal distorcido. O sangue escorria por sua pele em rios vermelhos, formando poças no chão. Charlie estava completamente sozinha. Se ele se esforçasse, seria capaz de ouvir a voz dela de novo: “Não me solta! John...” Ela chamou o meu nome. E então, aquela coisa... Ele estremeceu, voltando a ouvir o barulho da fantasia estalando e rangendo. Olhou para o braço sem vida de Charlie como se o mundo ao redor deles tivesse desaparecido, e, conforme o barulho ecoava em sua cabeça, sua mente repetia pensamentos indesejados: os rangidos vinham de seus ossos. O dilacerado era de todo o resto.*

John abriu os olhos, sobressaltado. A alguns centímetros, uma plateia gargalhava, e ele olhou para a TV, o chuvisco e o falatório despertando-o para a realidade.

O garoto se sentou e alongou o pescoço para relaxar a musculatura: o sofá era muito pequeno e suas costas estavam contraídas. A cabeça doía, e, apesar de exausto, ele estava agitado, a descarga de adrenalina ainda percorrendo seu organismo. Ele saiu de casa, trancando a porta bruscamente, e inspirou o ar noturno.

Foi andando pela estrada em direção à cidade e ao que mais ainda pudesse estar aberto. Os postes da via eram bem afastados uns dos outros e não havia calçada, só um acostamento estreito de terra batida. Poucos carros passavam por ele, mas, quando o faziam, surgiam, imponentes, de uma curva ou de uma descida

acentuada, cegando-o com faróis e a uma velocidade que, por vezes, ameaçava jogá-lo longe. Ele havia percebido que seus passos o levavam cada vez mais na direção da estrada, como numa espécie de jogo mortal. Quando via que tinha ido longe demais, se forçava a voltar ao acostamento, sempre tomado por um desapontamento secreto consigo mesmo.

Quando se aproximou da cidade, a escuridão foi novamente cortada pelas luzes de um farol, e John, protegendo a vista, afastou-se um pouco. Dessa vez, o carro diminuiu a velocidade ao passar por ele, até parar subitamente. John deu alguns passos até lá e viu a janela do motorista se abrir.

— John?

O carro deu ré e parou sem muito cuidado no acostamento, obrigando-o a sair do caminho. Uma mulher saltou do veículo e correu até ele, como se pronta para abraçá-lo, mas John não moveu um músculo, os braços abaixados, rígidos, e ela parou no último minuto.

— John, sou eu! — disse Jessica, com um sorriso que logo se desfez. — O que você está fazendo aqui?

Ela usava uma blusa de mangas curtas e esfregou os braços para afastar o frio da noite, olhando de um lado para outro da estrada quase deserta.

— Eu que te pergunto — retrucou ele, na defensiva.

Jessica apontou para um ponto atrás de John.

— Gasolina. — Abriu um sorriso efusivo, e ele não teve opção senão correspondê-la com um sorriso singelo. Tinha quase se esquecido dessa habilidade dela, de despejar aquela boa vontade entusiasmada nos outros como se fosse uma torneira aberta. — Como você está? — perguntou Jessica, com cautela.

— Bem. Trabalhando, na maior parte do tempo. — Ele apontou para as roupas de trabalho encardidas que nem considerara trocar. — O que você me conta de novo? — E então deu-se conta de repente do absurdo daquela conversa em meio aos carros passando. — Preciso mesmo ir. Tenha uma boa noite.

Ele se virou e começou a se afastar, sem dar a ela chance de falar.

— Sinto falta de sair com você! — gritou Jessica. — E ela também.

John parou e cavoucou a terra com o pé.

— Olha. — Jessica deu alguns passos ligeiros para alcançá-lo. — O Carlton vai passar umas semanas na cidade, por causa do recesso de primavera. A gente vai se encontrar. — Ela esperou, ansiosa por uma reação, mas John não respondeu. — Ele está louco para mostrar sua nova fase de garoto da cidade grande — acrescentou, com animação. — Quando falei com ele por telefone semana passada, ele fez um sotaque do Brooklyn para ver se eu percebia.

Ela deu uma risadinha forçada. John abriu um sorriso fugaz.

— Quem mais vai estar lá? — perguntou ele, encarando a amiga pela primeira vez desde que ela saíra do carro.

Os olhos de Jessica se estreitaram.

— John, em algum momento você vai ter que falar com ela.

— Quem disse? — rebateu ele bruscamente, retomando seu rumo.

— John, espera! — Atrás de si, John escutou quando ela começou a correr. Jessica logo o alcançou e passou a andar ao seu lado, acompanhando seu ritmo. — Posso passar a noite inteira

aqui — advertiu ela, mas John continuou calado. — Você precisa falar com ela — insistiu.

Ele lançou à jovem um olhar feroz.

— A Charlie morreu — rosnou ele, as palavras lhe arranhando a garganta.

Fazia bastante tempo desde que ele dissera aquilo em voz alta. Jessica se deteve. Ele seguiu em frente.

— John, pelo menos fala *comigo*.

Ele não respondeu.

— Você está *magando* a Charlie — completou ela, fazendo John parar. — Não entende o que está fazendo? Depois do que ela passou? Não tem cabimento, John. Não sei o que aconteceu com você naquela noite, mas sei o que aconteceu com a Charlie. E quer saber? Acho que nada se compara a ouvir você se recusando a falar com ela. Dizendo que ela *morreu*.

— Eu vi quando ela morreu.

John fitou as luzes da cidade.

— Não viu, não — contestou Jessica, e então hesitou. — Olha, estou preocupada com você.

— Só estou perdido. — John se virou para ela. — E depois do que passei, depois do que *nós* passamos, é mais do que normal que eu esteja assim.

Ele esperou um momento pela resposta dela, e então desviou o olhar.

— Eu entendo. Entendo mesmo. Também achei que ela tivesse morrido — disse Jessica. John abriu a boca para falar, mas ela continuou. — *Achei* isso até ela aparecer *viva*. — Jessica puxou John pelo ombro até o olhar dos dois voltar a se cruzar. — Eu a vi — acrescentou, a voz falhando. — Conversei com ela.

É ela. E o que... — Ela soltou o ombro dele e balançou a mão, como se lançasse um feitiço. — O que está matando a Charlie é o que *você* está fazendo.

— Não é ela — sussurrou John.

— Certo — irrompeu Jessica, e deu meia-volta.

Voltou para o carro e, em alguns instantes, estava na estrada, dando um cavalo de pau e cantando pneus. John não saiu do lugar. Jessica passou a toda, fez uma parada brusca, os freios gritando, e deu ré até onde ele estava.

— Vamos nos encontrar sábado na casa do Clay — avisou ela, cansada. — Por favor.

Ele olhou para Jessica. Ela não estava chorando, mas seus olhos brilhavam e o rosto estava corado. John assentiu.

— Talvez.

— Isso já é o suficiente para mim. Vejo você lá! — rebateu a garota, e foi embora sem dizer mais nenhuma palavra, o motor roncando na quietude da noite.

— Eu disse “talvez” — resmungou John para a escuridão.

